

Deslocamentos populacionais e história oral: perspectivas metodológicas e aproximações entre pesquisas com migrantes latinos americanos

VANESSA GENEROSO PAES*

VANESSA PAOLA ROJAS FERNANDEZ**

Introdução

Compreendemos os deslocamentos populacionais contemporâneos a partir da visão teórica do sociólogo argelino Abdelmalek Sayad (1998), que explica a imigração como um deslocamento de pessoas no espaço, sendo este “espaço não somente físico”, mas também social, econômico, político e cultural, entre outros aspectos (p.15). Neste processo, uma das características fundamentais é a sua dupla contradição: “não se sabe mais se se trata de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou se se trata de um estado duradouro que se gosta de viver com um intenso sentimento de provisoriedade” (p.45). Em suma, o autor alerta sobre a necessidade do fenômeno ser entendido a partir de diversas áreas do conhecimento, por ser a imigração “um fato social completo”, uma vez que todo o itinerário do imigrante é um “itinerário epistemológico”, um itinerário que se dá no “cruzamento das ciências sociais” (p.15). Nesta perspectiva, a História e, mais especificamente, a história oral, constituem uma das alternativas existentes para somarmos aos trabalhos existentes e, assim, ampliar a possibilidade de se entender o fenômeno analisado.

Neste artigo, serão apresentadas algumas reflexões sobre a relação entre deslocamentos populacionais e história oral, partindo, especificamente, de duas pesquisas de mestrado realizadas com imigrantes latinos americanos, sendo uma sobre os dilemas da construção da identidade imigrante chilena (FERNANDEZ, 2011) e outra sobre o trânsito de identidades bolivianas no contexto dos deslocamentos transcontinentais sul americanos (PAES, 2011), ambas tendo como recorte temporal o cenário contemporâneo e como recorte espacial o Estado de São Paulo.

Para além deste contexto comum de movimentos migratórios no cenário latino americano contemporâneo, decidimos aproximar os resultados dessas duas pesquisas

* Mestre e doutoranda em História Social pela Universidade de São Paulo e pesquisadora do Núcleo de Estudos em História Oral da Universidade de São Paulo.

** Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo e pesquisadora do Núcleo de Estudos em História Oral da Universidade de São Paulo.

também pelas perspectivas metodológicas comuns de ambas. Tendo sido realizadas no Núcleo de Estudos em História Oral da Universidade de São Paulo – o NEHO/USP – e orientadas pelo professor doutor José Carlos Sebe Bom Meihy, um dos principais pensadores e praticantes da moderna história oral no Brasil, foi nesta escola que se deu nossa formação em história oral e, portanto, daí advêm algumas de nossas práticas e reflexões. Nesta linha, entendemos a história oral como “um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e que continuam com a definição de um grupo de pessoas a ser entrevistadas” (MEIHY, 2005, p.17). O projeto de história oral prevê, entre outras coisas: planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas.” (HOLANDA & MEIHY, 2007, p. 15).

Nas pesquisas selecionadas para este artigo, foram feitas sete entrevistas de histórias de vida com imigrantes chilenos residentes na cidade de Campinas/SP, que chegaram ao Brasil entre as décadas de 1970, 1980 e 1990, e 27 entrevistas sobre a imigração boliviana no Brasil, sendo 17 entrevistas de histórias de vida com bolivianos residentes na cidade de São Paulo, que chegaram ao país a partir da década de 1950, e 10 entrevistas de história oral temática com intelectuais bolivianos na Bolívia, pesquisadores da emigração de seus conterrâneos para outros países.

As entrevistas de história oral de vida de imigrantes constituíram o *corpus documental* de ambos os trabalhos, a partir dos quais foram analisadas as entrevistas em sua autonomia e também mediante a sua articulação com as outras entrevistas, o que nos possibilitou a construção de eixos de explicações coletivas para o fenômeno histórico estudado. Assim, as análises foram realizadas em dois movimentos: o primeiro em nível do discurso e o segundo na esfera da memória coletiva, onde pudemos verificar os argumentos dos imigrantes sobre sua trajetória de deslocamentos.

Deste modo, o presente artigo articula uma discussão sobre as negociações culturais dos imigrantes bolivianos e chilenos no contexto do Estado de São Paulo, priorizando as negociações culturais e as práticas de tais sujeitos no mosaico destes espaços e contribuindo para as diversidades de perspectivas metodológicas do campo de

saber que a história oral mobiliza. Assim, o texto aqui apresentado foi estruturado em 3 partes: primeiramente, são apresentadas as especificidades imigratórias das pesquisas; em seguida, são contextualizadas as aproximações entre elas; por fim, as considerações finais sintetizam os objetivos e argumentos deste trabalho.

1 – Especificidades Imigratórias

1.1 – A imigração chilena

Na pesquisa “Dilemas da Construção de Identidade Imigrante: História Oral de Vida de Chilenos em Campinas” (FERNANDEZ, 2011) constatou-se que o grupo considerado, embora não fosse constituído de “refugiados” ou “exilados políticos” do regime ditatorial que vigorava no Chile, foi consequência do conturbado contexto político pelo qual passava o país, uma vez que este contexto teve como resultados econômicos e sociais desemprego, conflitos e insatisfação ideológica, entre outros, produzindo o movimento emigratório analisado. Assim, os chilenos entrevistados nesta pesquisa ressaltaram a diferença entre aqueles que saíram do país por motivos políticos – os “exilados” ou “refugiados” – e aqueles que saíram por motivos econômicos ou sociais – os “emigrantes” – ao mesmo tempo em que deixaram implícita uma semelhança entre ambos, na medida em que o início da ditadura inaugurou mudanças profundas em suas vidas:

“Meu marido foi um dos primeiros que ficou desempregado no Chile depois do Golpe Militar.” (Herminda)

“Depois veio o Golpe Militar e aí eu comecei a ter problemas. Mesmo sendo democrata-cristão, pelo fato de ser dirigente sindical e militante.” (Luís)

“Ainda era ditadura no Chile e eu estava cansado daquela situação. Eu não queria mais viver obrigado a fazer as coisas, não gosto que ninguém me imponha regras, por exemplo, o toque de recolher que havia. (...) não foi questão política nem nada.” (Osvaldo)

O Chile passava por um difícil momento político, econômico e social, o que afetava diretamente a vida de seus habitantes. Já a partir de 1970, com a eleição do presidente de propostas socialistas Salvador Allende pela coalizão *Unidad Popular*,

passaram a ocorrer inúmeros conflitos sociais, basicamente polarizados entre os que eram contra e os que eram a favor do governo eleito, evidenciando a organização e mobilização de ambos os lados. Para termos uma dimensão de tais conflitos, em outubro de 1972 o país viveu uma paralização quase integral de suas atividades, com greve generalizada e ações de violência entre diversos grupos, o que foi caracterizado como uma “crise” (AGGIO, 2002). Interrompido em 1973 por um golpe de Estado, o governo democrático da *Unidad Popular* terminou com o início de uma ditadura militar, a qual perdurou até 1990. Neste período, muitos chilenos foram obrigados a abandonarem o país, pois estavam sendo duramente perseguidas pelo Estado e corriam risco de vida, os chamados “exilados políticos” ou “refugiados”. Diferentes destes, que foram obrigados, muitos saíram voluntariamente, em busca de melhores condições de vida econômica e social em outros países, tornando-se assim emigrantes/imigrantes (SAYAD, 1998). Embora não tenham sido obrigados a efetuarem tal deslocamento, foram levados a ele pelas circunstâncias desfavoráveis em que se encontravam dentro de seu próprio país. Não há, assim, como atenuar o peso do Estado sobre o movimento emigratório chileno em direção a outros países durante as três últimas décadas do século XX, ainda que seja necessário fazer esta diferenciação.

No total, cerca de 500 mil chilenos se deslocaram neste período. Considerando que em 2002 o Chile possuía cerca de 15 milhões de habitantes¹, é fácil imaginar o impacto desse deslocamento naquele ambiente. Argentina, Estados Unidos, Suécia, Canadá, Austrália, Brasil, Venezuela, Espanha, França e Alemanha foram os principais países aos quais se dirigiram essas pessoas². No Brasil, os registros indicam um “salto” em sua quantidade quando comparados os censos de 1970 e 1980: enquanto no primeiro são apontados cerca de 2 mil chilenos aqui, no segundo já são quase 18 mil. Esta quantidade apresentou-se estabilizada na década de 1980 e com um pequeno aumento na década seguinte, quando são apontados mais de 20 mil chilenos em 1991. Já no censo de 2000, registra-se uma pequena queda³, o que indica retorno ao país de origem e fim deste fluxo populacional.

¹ Fonte: INE (Instituto Nacional de Estadísticas de Chile).

² Fonte: DICOEX (*Dirección para la Comunidad de Chilenos en el Exterior*).

³ Fonte: IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas).

Ainda que o movimento imigratório chileno, quando comparado a outros movimentos imigratórios no Brasil, não seja de grandes proporções numéricas – como os italianos no século passado e os bolivianos atualmente, por exemplo – e que seu fluxo possa ser localizado entre as décadas de 1970, 1980 e 1990, registrando atualmente casos pontuais, ele não deixa de ser um tema importante para reflexões. Primeiramente, porque trata-se de uma especificidade no conjunto de movimentos imigratórios envolvendo a América Latina e o Brasil e, portanto, refletir sobre ele significa relacionar a intimidade de um processo a um conjunto amplo. Além disso, talvez exatamente pela proporção numérica, é um tema situado ainda no espaço dos estudos inéditos, uma vez que existem poucos trabalhos acadêmicos sobre este movimento imigratório, o que aumenta a necessidade de novas reflexões para ampliação do debate. Por fim, ainda que este deslocamento populacional possa ser centrado nas três últimas décadas do século XX, sabemos que uma das características fundamentais do fenômeno da imigração é a sua dupla contradição, que oscila entre o estado provisório que a define de direito e situação duradoura que a caracteriza de fato (SAYAD, 1998). Nesta perspectiva, mais do que investigar as causas desse movimento, segundo as opiniões e versões apresentadas por seus próprios protagonistas, esta pesquisa buscou compreender as adaptações e negociações que esses imigrantes fizeram – e fazem ainda – ao longo de sua trajetória.

Para isto, a cidade de Campinas/SP foi selecionada por razões de ordem pessoal e técnica: sendo esta a minha cidade de origem e de residência e sendo eu filha de imigrantes chilenos, trata-se de um local onde eu já mantinha contatos com vários imigrantes chilenos aí residentes, elemento facilitador para um trabalho de história oral. Além disso, esta é uma colônia significativa dentro do grande grupo de imigrantes chilenos no Brasil, pois residem aí cerca de 3 mil deles⁴, contando ainda com uma associação e dois grupos folclóricos⁵.

1.2 – A imigração boliviana

⁴ Estimativas do Consulado Ad Honore do Chile em Campinas.

⁵ A *Asociación de Chilenos Residentes en Campinas y Región Pablo Neruda*, o *Conjunto Folklórico Pablo Neruda* e o *Conjuto Folklórico Raíces de Chile*.

Atualmente, a Bolívia é reconhecida oficialmente como Estado Plurinacional de Bolívia, por um decreto de 18 de março de 2009, que reconhece a pluralidade étnica e linguística do país. A população boliviana é constituída por vários grupos indígenas, dentre os quais destacam-se os aymaras, quechuas, tupi-guaranis e os chiquitanos, além de um grande número de minorias étnicas, sendo que 60% da população possui herança indígena. Situada na região centro-oeste da América do Sul, é um dos dois únicos países das Américas sem saída para o mar, junto com o Paraguai, o que afeta diretamente a sua economia.

Esboçar um breve histórico da Bolívia não é tarefa fácil, pois exige uma descrição dos componentes étnicos que foram mobilizados em diferenciados momentos históricos. Pode-se dizer, em linhas gerais, que sua história remonta ao período pré-incaico, época em que a região dos Andes era habitada por variados povos indígenas, anteriores ao domínio do império Inca, o qual teve seu apogeu por volta do século XV, e às primeiras décadas do século XVI, quando floresceu, nos planaltos andinos do Sul, uma sociedade altamente desenvolvida, que se ancorava num complexo e denso sistema de aldeias agrícolas.

Recentemente, as mudanças que o país enfrenta nas áreas econômica, política, social e simbólica propõem a renovação das elites políticas, promovem deslocamentos referentes ao problema do racismo e da discriminação étnica na esfera pública, enfrentando o reconhecimento da diversidade cultural e a participação política dos setores sociais historicamente excluídos. Entretanto, a superação sustentável do crescimento econômico, da precariedade do emprego e a baixa cobertura de proteção social são alguns dos mecanismos enfrentados pelo governo atual, uma vez que é necessário mobilizar estratégias de desenvolvimento econômico e social que possibilitem criar políticas de promoção de empregos de qualidade e melhorar a redistribuição dos recursos públicos. Podemos visualizar esse processo com a narrativa de um sociólogo boliviano entrevistado para a pesquisa “Trânsito de Identidades e Estratégias de Negociação Familiar: deslocamentos populacionais entre a Bolívia e o Brasil” (PAES, 2011), que explica:

Depois da revolução que os camponeses realizaram, porque tinham armas, tomaram a parte, e também de Cochabamba, entraram nas fazendas com armas e se apropriaram das terras. Um ano depois, nesse processo, o governo havia ditado o que hoje é a reforma agrária, onde todos, por exemplo, os

campesinos são proprietários de terras. O que os mineiros solicitaram? Que os trabalhadores das empresas privadas, pedissem a nacionalização das minas, e se fez a nacionalização das minas. Como também pediam a revolução. Antes existia o voto universal, antes de 1952 quem poderia ser eleito? Os que tinham renda, também tinham o direito de eleger somente homens; as mulheres não podiam ser eleitas, nem tampouco o direito de eleger as mulheres que tinham renda. Quem podia ir para as escolas e para universidades? Tinha que ser da classe crioula, então, frente a essa realidade, foi empregado o voto universal, onde foi estabelecida a educação gratuita, houve um processo de criação de escolas em diferentes comunidades e nos campos, sobretudo na área rural. Obviamente, isso foi um avanço grande para integrá-los, para nacionalizá-los, para castelhanizar a população que tinha seus idiomas maternos que eram o quechua, aymara, guarani, etc... Nesse processo houve mudanças na estrutura do Estado, mesmo não cumprindo todas as expectativas, não houve um verdadeiro processo de integração, mas teve uma participação política; se bem que passou a existir a educação gratuita, mas não cobria todas as partes e classes sociais. O líder que encabeçou esse processo revolucionário é uma pessoa de classe média, não era indígena, e mais, ele não é nem socialista, nem capitalista, era nacionalista. Mas esse processo de nacionalização, assim como toda revolução traz o caos, essa trouxe escassez, trouxe crise, e a Bolívia vivia isso. (Julian Ibarra)

É nesse contexto histórico e estrutural que a imigração boliviana para a Cidade de São Paulo dar-se-á. Assim, a imigração boliviana não é um fenômeno recente, alguns estudos antropológicos relatam que desde a década de 1950 existia um fluxo de deslocamento de pessoas advindas da Bolívia com destino ao Brasil, mas que foi intensificado a partir da década de 1980, com o surgimento de novas frentes de trabalho no sistema têxtil brasileiro (SILVA, 1997, 2003). Também contribuiu para o aumento desse movimento a herança dos planos econômicos da década de 1980⁶, que deixou uma grande pobreza e desigualdade social na Bolívia⁷. Deste modo, devido à baixa expectativa de desenvolvimento econômico que a Bolívia passava, originada em sua estrutura social e econômica e em sua instabilidade política e devido ao baixo índice de desenvolvimento humano/IDH⁸ do país, nos finais da década de 1980 e durante toda a década de 1990 viu-se um aumento do número de emigrantes que saíam do território

⁶ Ver o artigo “Bolívia- uma crise sem fim”. In. Análise de conjuntura OPSA, n. 05, abril de 2005. (http://observatorio.iuperj.br/artigos_resenhas/historia_sem_fim.pdf).

⁷ No campo, constam nas estimativas que o número de trabalhadores assalariados diminuiu de 74 mil para 64 mil pessoas. Nas cidades, o chamado setor informal composto por unidades familiares que trabalham no setor informal, formado por unidades domésticas, artesanais, com relações familiares e não assalariadas cresceu 68% do total da população.

⁸ Fonte: Índice de Desenvolvimento Humano da Bolívia incluído no Relatório de Desenvolvimento Humano 2007/2008 do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, publicado em 27 de novembro de 2007. A Bolívia é enquadrada no 117º lugar em escala global.

boliviano em busca de melhores condições de vida e de empregos nas metrópoles da América Latina, o que existe até os dias atuais.

Dentre os países receptores de migrantes que saem dos Andes, especificamente no que se refere à Bolívia, estão Brasil e Argentina, por se constituírem em centros que atingiram altos índices de desenvolvimento industrial e por terem baixos custos de transporte para as pessoas provenientes dos países vizinhos. A partir desse fato, é possível perceber que as condições socioeconômicas na qual vivem milhares de bolivianos, onde as expectativas de vida são equivalente a de países pobres atingidos pelos sistemas de globalização, são fortes propulsores dos deslocamentos rumo ao Brasil. É nesse contexto histórico que precisamos avaliar o fenômeno da e/ou imigração de milhares de bolivianos com destino a cidades industrializadas da América Latina, porém, apesar da matriz dos deslocamentos serem *a priori* econômicos, precisamos entender as explicações micros – as histórias individuais – para o ato de migrar, o que foi feito na pesquisa mencionada, utilizando como recorte espacial a cidade de São Paulo, local onde residem milhares de imigrantes bolivianos, cujos fluxos migratórios foram crescendo gradativamente, à medida que seus precursores passaram a trazer suas famílias⁹ e a constituírem novas famílias na cidade. Vale lembrar que, neste momento, a colônia boliviana em São Paulo superou em número as históricas e famosas colônias japonesa e italiana da cidade, conforme demonstraram os dados do Censo de 2010¹⁰.

2 – Aproximações entre pesquisas: chilenos e bolivianos no Brasil, imigrantes latinos americanos

Uma das problemáticas que emana a partir dos trabalhos que conciliam história oral e estudos migratórios é o processo de adaptação e negociação identitária que os sujeitos fazem no novo contexto ao qual encontram-se inseridos. Isto porque ao efetuarem a mudança de um país, os imigrantes são portadores de valores de uma cultura originária, a cultura do país da emigração, e no país de destino, o país da imigração, eles comumente são convocados pela sociedade nacional a fazerem

⁹ Ver entrevista realizada por Sidnei Dornelas e Mário Geremia com uma família boliviana. In. Travessia: revista do migrante. São Paulo: publicação do CEM – ano XXI, número 60, p. 10-18, Janeiro-Abril/2008.

¹⁰ Fonte: IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)

reavaliações, trocas, seleções e negociações culturais, tendo que repensar sobre os valores culturais que possuem. Assim, as negociações de pertença, ao mesmo tempo em que passam por reavaliações pessoais e por vezes grupais, são atravessadas por conflitos e resistências frente à sociedade receptora da imigração.

Para pensar o fenômeno da identidade, o sociólogo jamaicano Stuart Hall (2000, 2003, 2006) descreveu que as identidades constituídas na contemporaneidade são fragmentadas, contraditórias, fluidas e não fixas. Para o pensador, os sujeitos assumem diferentes identidades em diferentes contextos e tempos históricos, sem haver, contudo, uma “essencialidade do eu”, posto não existir uma natureza da identidade, uma vez que são constructos ativados por meio de constituições sociais e discursivas (2000, p.108). Ao explicar que a identidade nacional, a partir do mundo moderno, constitui uma das principais fontes de identidade cultural, ele argumenta que a “tradução” é um conceito que descreve as formações de identidade que atravessam as fronteiras, mesmo que estas sejam finitas, ainda que elásticas, para além das quais existem outras nações, uma vez que muitos sujeitos foram dispensados ou solicitados a saírem de sua terra natal por questões de guerra ou perseguição política, sendo que estes sujeitos retêm forte vínculo com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado (2003, p.88). São pessoas obrigadas a negociar com as novas culturas na qual estão inseridas, sem simplesmente serem “assimiladas” por elas e sem perder completamente seus vínculos com a cultura originária. Assim, as pessoas portam traços das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas.

Dentro dessa discussão, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2004), ao escrever sobre o “pertencimento” e a “identidade” afirma que tais constituições do eu não possuem a “solidez de uma rocha”, pois não são garantidos para toda a vida (p.17). A identidade é um constructo, porque é resultado de um esforço, de uma tarefa a ser realizada, é um projeto em construção e que só aparece como tal quando o “pertencimento” não é mais uma condição sem alternativa. A questão da identidade nacional é lembrada por este pensador como uma teia gestada e incubada na experiência humana, mas cuidadosamente construída pelo Estado moderno e suas forças, sendo a ideia de pertencer a uma nação uma convenção arduamente construída pelos sujeitos e aparatos de poder do Estado (p.29).

Ainda nesta temática, as identidades nacionais são construções coletivas pautadas por vínculos imaginários, ideológicos e políticos para se construir o sentimento de pertença a uma nação, uma vez que esta é “uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana”, conforme explicou o teórico norte americano Benedict Anderson (2008, p.32).

Nestes sentidos, destacamos dos relatos materializados nas pesquisas duas questões referentes às negociações identitárias empreendidas pelos entrevistados: a questão da constituição e manutenção de uma comunidade chilena em Campinas/SP e a fragmentação e dispersão dos bolivianos na cidade de São Paulo.

Considerando os chilenos emigrantes das três últimas décadas do século XX, porque pessoas com um drama comum, membros de uma “comunidade de destino” e os chilenos imigrantes na cidade de Campinas/SP, porque formadores de uma coletividade ampla com uma comunidade de destino marcada, membros de uma “colônia”, percebeu-se com a pesquisa desenvolvida a existência de uma “comunidade” nesta cidade, sendo esta uma “comunidade realmente existente”, isto é, uma coletividade que pretende ser a comunidade encarnada, o sonho realizado, a comunidade imaginada, mas que não é (BAUMAN, 2003, pp.9-10). Assim, os entrevistados da pesquisa foram divididos em duas redes: aqueles que estavam envolvidos nesta comunidade e aqueles que não estavam envolvidos nela. O que se evidenciou aí foram diversidades existentes na colônia, em torno desta comunidade. Enquanto os membros da rede 1 priorizaram em seus relatos um breve histórico do surgimento, do desenvolvimento e da manutenção da comunidade, ressaltando aí seus aspectos positivos, bem como as dificuldades para tal, os membros da rede 2 demonstraram simpatia, indiferença e até conflitos:

“Então na Associação de Chilenos de Campinas fazemos tudo isso: ponto de encontro dos chilenos, almoços, festas típicas, a festa pátria em setembro, os ensaios do conjunto folclórico, aulas de espanhol, de português, enfim, todas essas atividades que fazemos em comunidade. (...) Quando é a festa da pátria em setembro, de Independência do Chile, aparece muita gente. Eles gostam muito da nossa festa, a gente trabalha como doidos muito tempo antes e no dia nem se vê as caras de tanta correria. Todo mundo vai à festa, “é muito boa, é gostoso vir aqui”, só que durante o resto do ano ninguém se lembra da Associação! Mesmo assim ela se mantém, com altos e baixos, continua em pé. Graças ao esforço de poucos, não são tantos assim.” (Berta – Rede 1)

Talvez se eu nunca tivesse tido a oportunidade de fazer folclore do Chile, hoje eu poderia me considerar mais brasileiro do que chileno. Mas o fato de estar metido no folclore e na cultura chilena todas as semanas, o ano inteiro nesse baile, então nunca deixei o país de origem longe. Tá longe fisicamente, mas chega o fim de semana estamos aí lembrando da *cueca*, do *baile mapuche*, do *baile de páscoa*, do *sur*, do *norte...*” (Luís – Rede 1)

“É o único local onde a gente fala a nossa língua, apesar de que tem muitos brasileiros que participam também, então a gente mistura português e espanhol, vira meio que bagunça, mas é o único local onde a gente faz aquilo e faz com vontade mesmo, de mostrar a cultura do nosso país.” (Alejandro – Rede 1)

“Em Campinas tem uma colônia chilena que se reúne bastante, mas eu só participo de vez em quando, gosto de ir em grandes eventos como as *fiestas pátrias* ou os jogos da Copa, que o pessoal se encontra num lugar pra torcer pela seleção chilena quando tem jogo!” (Pedro – Rede 2)

“A parte mais dura é que quando você vem do Chile, jovenzinho, quer ver se há algum lugar onde se juntam os chilenos e depois você leva a maior decepção. A maior decepção! Os chilenos de Campinas são totalmente classistas, somos classistas lá em Chile e aqui vieram igual, não mudaram absolutamente nada, cada um quer ser melhor que o outro. Quem vê de fora pensa que existe uma comunidade... (...) As diferenças são grandes...” (Osvaldo – Rede 2)

As negociações de identidades bolivianas foram observadas na trajetória de uma família, a família Patzi, por conflitos e vínculos de solidariedade, mérito que não perpassa apenas essa família, mas que compõe as relações de muitas famílias brasileiras. A contradição dos papéis sociais, a emancipação feminina, os micros poderes agenciados foram percebidos na dinâmica da sociedade brasileira, como também nas esferas privadas de como as relações foram se constituindo no espaço da casa. O pai de Marta, o boliviano Victor Patzi, chegou a São Paulo viúvo com três filhos bolivianos, Marta, Demétrio e Angélica, e depois de um tempo casou-se com a mineira Aparecida, indo residir no bairro João XXIII na zona oeste de São Paulo. Dessa união nascem duas filhas brasileiras: Arlete e Haidee, que por sua vez tinham idades para serem filhas de Marta, surgindo, assim, uma segunda geração de filhos dentro da família que até então era composta por bolivianos e que tinha como regra viver com os vínculos da cultura boliviana. Dado o fato do casamento e o nascimento de outros filhos, novos laços afetivos foram construídos e a reconfiguração da família e dos processos de negociação foram postos à prova:

Na época trabalhava e minha irmã foi para escola, meu irmão também foi pra escola. Juntamos um dinheiro e compramos um terreno no João XXIII, um terreno grande. Ali também era mata fechada, hoje já tem muita construção.

Minhas irmãs tiveram as casinhas delas lá. Ah, papai casou novamente no Brasil. Depois que eu completei vinte dois, vinte quatro anos. Ele casou na Aparecida do Norte e desse matrimônio teve duas meninas, Arlete e Haidee. Quando a minha irmã Arlete ia completar quinze anos, faltando quinze dias, morreu minha madrasta e me deixou as duas para acabar de criar. Papai ficou viúvo pela segunda vez e já não casou mais. (Marta)

Quando realizamos trabalhos de história oral a partir da perspectiva familiar, percebemos os múltiplos argumentos que atravessam as configurações dos sujeitos. Além das diferenças de visões do cenário familiar, cada sujeito constrói sua explicação para determinados fatos do cotidiano. São nesses momentos que se instauram as divergências de posições sobre o pertencimento. Arlete refletiu sobre o postulado da irmã mais velha de que “cuidou dos irmãos menores”. Assim, é pela voz de Arlete, filha, que a voz da mãe reaparece no plano narrativo cobrando explicações do seu assujeitamento e subalternidade:

Acho que a minha mãe sofreu muito depois que a gente mudou para cá. Dava meia noite e as filhas mais velhas batiam na porta do quarto dela: “Por que a minha calça jeans está manchada, porque não sei o quê.” A minha mãe lavava a roupa de todo mundo, ninguém se responsabilizava por suas roupas sujas, e ao invés do meu pai ficar do lado da minha mãe, ainda falava: “É, porque tem que lavar direito, porque não sei o quê e tal.” O pai brigava com ela e era por coisas bestas. Imagine o pessoal bater na porta à meia noite para cobrar a roupa, é claro que estudavam e trabalhavam o dia inteiro. A Angélica que ia bater para reclamar; era muito chato, detestava. (Arlete)

Os conflitos foram reparados entre todas as irmãs no funeral do pai, Victor, onde resolvem fazer um balanço das relações intergeracionais. Por mais que as relações familiares estivessem permeadas por conflitos, Haidee resolveu, por meio de seu relato, enviar um recado para a sua irmã Angélica e tentar reparar suas divergências. A trama familiar é desencadeada por sutilezas propagadas pelos narradores da família Patzi, que tentam uma reconciliação com os membros da família:

Como não pude conviver muitos anos com a minha mãe, o pai e a Angélica estavam sempre presentes, dizendo: “Come de boca fechada. Ah, não vai fazer isso, toma cuidado.” Vários toques de educação, de respeito ao próximo, acho que foi tudo passado por eles. A Angélica me ajudou muito porque no fim, como era a mais nova, era a pessoa que tinha como exemplo. Porque ela trabalhava e eu era pequena e falava: “Quando crescer quero trabalhar.” Tipo, querendo ser igual a Angélica. Eu via ela chegando em casa e contando os casos do trabalho dela, ela tinha as coisas dela, a roupa dela, a maquiagem, os sapatos, essas coisas; além de estudar e achava muito legal a forma que ela vivia naquela época, tinha ela como uma pessoa, uma coisa que queria ser. (Haidee)

Em seguida, a narradora descreveu o momento em que todos foram viver suas vidas, já na fase adulta. A rotina do trabalho e as obrigações que cada um passou a desempenhar com suas novas famílias afastaram temporariamente os irmãos que foram se reencontrar depois de anos. Com o advento da idade e dos problemas de saúde do patriarca familiar, as irmãs e sobrinhas reaproximam-se e juntas tentaram esquecer os ressentimentos em prol de um bom relacionamento familiar, uma vez que na doença é necessário unir forças para permanecerem perseverantes.

Os hábitos que guiam o comportamento de uma pessoa estão atravessados pelas diretrizes educacionais de um grupo. As práticas educativas são repetidas, construídas por meio de discursos, por vezes coercitivos, repassados para as gerações posteriores na migração e no processo de deslocamento. Porém, as negociações foram vividas por todos os integrantes da família Patzi, inclusive depois do falecimento do patriarca boliviano da família, onde todos foram mobilizados, questionando as bases educativas e de valores de um grupo:

Minha tia mais nova ficou muito triste que o meu avô faleceu, mas tocou a vida para frente, foi procurar trabalho que ela estava buscando, ela tem que viajar e por conta do trabalho foi viajar, e a minha mãe e a minha outra tia ficaram muito chateadas: “Mas como? Meu pai acabou de falecer, imagina, ela está comemorando, vai sempre pro bar.” Encarou a situação de outro jeito; e esse desentendimento sempre existiu. Enquanto minha mãe e minha tia Angélica sempre quiseram manter o luto, a minha tia mais nova continuou a vida. A minha tia mais velha e minha mãe tiveram uma vida muito dura aqui no Brasil, principalmente, muito sacrifício por conta do meu avô, todos os irmãos eram mais novos. Minha mãe teve que cuidar dos filhos, cuidar das irmãs caçulas, e o que ela entende por uma vida correta não é a mesma coisa que a irmã caçula entende como uma vida correta.

E fica o conflito: “Não, imagina, ela está fazendo isso, fazendo aquilo, que absurdo.” E a minha tia, pelo menos agora que voltei a conversar com ela, ela faz curti a vida dela, mas ela não faz por conta dos outros, faz porque precisa fazer ou porque ela sentiu vontade de fazer, acho que ela nem imagina que seja tão julgada por conta disso. (Milene)

Assim, após o falecimento do patriarca da família, o clã familiar repensou suas práticas sociais e discursivas, avaliando os projetos pessoais e o projeto familiar que o patriarca almejou para cada uma das filhas, já que Demétrio havia falecido.

Dúvidas e indagações são lançadas para todas as mulheres do clã, questionando o porquê de cada uma assumir determinados papéis sociais, e outras, tais como a Haidee, foram viver a sua vida de forma “livre”. A negociação familiar foi lançada. Se haverá uma reparação entre todas as partes, não sabemos dizer, mas os sujeitos

envolvidos na trama familiar sabem que repensar suas práticas e aceitar, por vezes, o esquecimento, é necessário para construir caminhos para o futuro:

Começamos a nos encontrar e perguntar o porquê uma teve que abrir mão de toda vida, aí a outra vai e fala: “Não, mas ela abriu mão porque ela quis, ela não tem que ficar flagelando, não tem que ficar questionando, não tem que ficar achando nada.” A outra: “Olhe, eu não pude ficar tanto tempo com ele porque tinha a minha vida para viver.” A minha mãe: “Puxa, não fiquei tanto tempo quanto precisava ficar com ele.” É complicado. A gente tem muita coisa para acertar entre irmãs e tias. E é muita vida ainda; pelo menos vejo as coisas acontecendo com ela e sei que tenho parte naquilo, eu sei que muito do que está acontecendo faz parte de mim mesma, faz parte do jeito que eu sou e, ao mesmo tempo, me sinto amarrada por várias coisas. (Milene)

A narradora Milene fez uma reflexão sobre a interiorização das culpas que assumiu no decorrer do tempo e percebeu que tal postura poderia prejudicar a relação que a mesma passou a desenvolver com o filho. Assim, percebemos que as práticas estabelecidas em família são construções sociais e discursivas desenvolvidas pelos integrantes para que os vínculos de um grupo sejam imaginados por uma comunidade, onde há uma constante mediação entre todos sobre os valores que são legítimos e que devem ser estabelecidos intergeracionalmente.

3 – Considerações finais

Neste artigo, apresentamos alguns dos resultados de duas pesquisas distintas, porém com algumas similaridades, o que nos permitiu aproximá-las. Duas pesquisas sobre imigrantes latinos americanos no Brasil, desenvolvidas em nível de mestrado, sendo uma sobre imigrantes chilenos em Campinas/SP e outra sobre imigrantes bolivianos em São Paulo. Além do contexto comum, as pesquisas apresentaram como perspectiva metodológica para o estudo de movimentos migratórios a história oral, ressaltando a questão das negociações identitárias presentes entre os grupos imigrantes, evidenciada nos relatos desses sujeitos.

Percebemos, assim, que as linguagens, as imagens e as práticas aglutinadas pelos imigrantes para reinventar uma comunidade latina americana no Estado de São Paulo nos conduzem a pensar que “a história que se tornou parte do cabedal de conhecimento ou ideologia da nação, Estado ou movimento não corresponde ao que foi realmente conservado na memória popular, mas àquilo que foi selecionado, escrito, descrito, popularizado e institucionalizado por quem estava encarregado de fazê-lo”

(HOBSBAWN, 1997, p. 21). A partir do exposto, notificamos que as reinvenções das tradições por parte dos imigrantes são construídas por meio de afetos sociais constituídos pela sua presença no Estado de São Paulo.

Referências Bibliográficas

AGGIO, Alberto. *Democracia e Socialismo: A experiência chilena*. São Paulo: Annablume, 2002.

ALBÓ, Xavier; Sandoval, Godofredo; Greves. *Chuquiawu: La cara aymara de La Paz*. La Paz: CIPCA, 1982.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: A busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CHIRINO, Fabiana; JÁUREGUI, Maggie; JORDÁN, Nelson; HOLLWEG, Karin. *Huellas Migratorias: Duelo y religión em las familias de migrantes del Plan Tres Mil de la ciudad de Santa Cruz*. Santa Cruz: Fundación PIEB, 2009.

FERNANDEZ, Vanessa Paola Rojas. *Dilemas da Construção de Identidade Imigrante: História oral de vida de chilenos em Campinas*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

_____. “E o Destino da Gente Começou a Mudar”: As vítimas da ditadura militar chilena (1973-1990). *Oralidades: Revista de História Oral (USP)*, v.9, pp.47-57, 2011.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

_____. Quem precisa da identidade? In: *Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. (Org.) SILVA, Tomaz Tadeu da. Woodward, Kathryn. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

_____. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HINOJOSA GORDONAVA, Alfonso R. *Buscando la Vida: Familias bolivianas transnacionales en España*. La Paz: CLACSO: Fundación PIEB, 2009.

_____. *Migración Transnacional y sus Efectos en Bolivia*. La Paz: Fundación PIEB, 2009.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (Org.) *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Brasil Fora de Si: Experiências de brasileiros em Nova York*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. *Manual de História Oral*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

_____ & HOLANDA, Fabíola. *História Oral. Como Fazer, Como Pensar*. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

_____ & RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. *Guia Prático de História Oral*. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

OSMAN, Samira Adel. *Caminhos da Imigração Árabe em São Paulo: História oral de vida familiar*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

_____. *Entre o Líbano e o Brasil: Dinâmica Migratória e História oral de vida*. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade De São Paulo, São Paulo, 2006.

PAES, Vanessa Generoso. *Trânsito de Identidades e Estratégias de Negociação Familiar: Deslocamentos populacionais entre a Bolívia e o Brasil*. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

_____ *Perspectiva Sociológica sobre o Deslocamento Transnacional Boliviano*. *Oralidades: Revista de História Ora (USP)*, v. 11, p. 221-232, 2011.

_____ *Entre (vistas): diálogos e performances na capoeira*. *Oralidades: Revista de História Oral (USP)*, v. 7, p. 253-260, 2010.

SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração. Ou os paradoxos da alteridade*. SP: Edusp, 1998.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

THOMSON, Alistair. Histórias (Co)Movedoras: História oral e estudos de migração.
IN: *Revista Brasileira de História*. Vol.22, nº 44, SP, 2002.